

Artigo:

**Memória e trauma na narrativa feminina contemporânea:
“Piolhos, Memória e Outras Pragas” de Priscila Branco (2021)**

Memory and trauma in contemporary female narrative: “Lice, Memory and Other Plagues” by Priscila Branco (2021)

Memoria y trauma en la narrativa femenina contemporánea: “Piojos, memoria y otras plagas” de Priscila Branco (2021)

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18091034>

Ariel Montes Lima

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o conto *Piolhos, memória e outras pragas*, de Priscila Branco, com foco na construção da memória e do trauma dentro da narrativa feminina contemporânea. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica orientada pela análise literária. O estudo parte de uma perspectiva político-literária, privilegiando o texto enquanto manifestação de uma experiência social coletiva. O referencial teórico fundamenta-se em autores como Freud, Schopenhauer, Botella & Botella, e Ramos, que refletem sobre a memória, o trauma e a psique. A análise demonstra como o conto articula elementos da memória e da dor psíquica por meio de uma narrativa em fluxo de consciência, em que a protagonista rememora, de forma fragmentada, episódios traumáticos da infância. A estrutura textual e os recursos narrativos mobilizados criam uma atmosfera que tensiona a fronteira entre o vivido e o recordado. Os resultados indicam que a memória, nesse conto, não opera como reconstituição factual, mas como reencenação simbólica do trauma. A pesquisa contribui para os estudos da literatura de autoria feminina, evidenciando como a narrativa contemporânea pode elaborar experiências psíquicas de forma estética e política.

Palavras-chave: Memória; Trauma; Narrativa feminina; Literatura contemporânea; Priscila Branco.

Abstract

This article aims to analyze the short story "Lice, Memory and Other Pests" by Priscila Branco, focusing on the construction of memory and trauma within contemporary female narrative. The methodology used is bibliographic research guided by literary analysis. The study starts from a political-literary perspective, privileging the text as a manifestation of a collective social experience. The theoretical framework is based on authors such as Freud, Schopenhauer, Botella & Botella, and Ramos, who reflect on memory, trauma, and the psyche. The analysis demonstrates how the story articulates elements of memory and psychic pain through a stream-of-consciousness narrative, in which the protagonist recalls, in a fragmented way, traumatic episodes from childhood. The textual structure and the narrative resources mobilized create an atmosphere that blurs the boundary between the lived and the remembered. The results indicate that memory, in this story, does not operate as a factual reconstruction, but as a symbolic reenactment of trauma. This research contributes to the study of literature authored by women, highlighting how contemporary narrative can elaborate on psychic experiences in an aesthetic and political way.

Keywords: Memory; Trauma; Women's narrative; Contemporary literature; Priscila Branco.

Resumen

Este artículo analiza el cuento "Piojos, memoria y otras plagas" de Priscila Branco, centrándose en la construcción de la memoria y el trauma en la narrativa femenina contemporánea. La metodología empleada es una investigación bibliográfica guiada por el análisis literario. El estudio parte de una perspectiva político-literaria, privilegiando el texto como manifestación de una experiencia social colectiva. El marco teórico se basa en autores como Freud, Schopenhauer, Botella & Botella y Ramos, quienes reflexionan sobre la memoria, el trauma y la psique. El análisis demuestra cómo el cuento articula elementos de la memoria y el dolor psíquico a través de una narrativa de flujo de conciencia, en la que la protagonista recuerda, de forma fragmentada, episodios traumáticos de su infancia. La estructura textual y los recursos narrativos utilizados crean una atmósfera que difumina la frontera entre lo vivido y lo recordado. Los resultados indican que la memoria, en este cuento, no opera como una reconstrucción fáctica, sino como una recreación simbólica del trauma. Esta investigación contribuye al estudio de la literatura escrita por mujeres, destacando cómo la narrativa contemporánea puede profundizar en las experiencias psíquicas de forma estética y política.

Palabras clave: Memoria; Trauma; Narrativa femenina; Literatura contemporánea; Priscila Branco.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar o conto *Piolhos, memória e outras pragas*, de Priscila Branco (2021). O texto em questão foi publicado em 29 de setembro de 2021 na Revista Cassandra. Nas palavras da autora,

Priscila Branco é poeta e escritora, editora e curadora da revista *toró*, mestre em Literatura Brasileira e pesquisadora de poesia contemporânea produzida por mulheres brasileiras por fora do cânone. Atualmente, está cursando o doutorado na UFRJ. Faz parte do NIELM — UFRJ (Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura) e do Mulheres na Edição — CEFET- MG (BRANCO, 2021, s. n.).

Ademais, a revista em que o texto foi disponibilizado

[...] surgiu da ideia de reunir mulheres artistas de diversos lugares e com diversas vozes para promover as artes e a literatura feitas por, de e para mulheres. a sacerdotisa grega assombrada por suas premonições foi o mote para esse projeto, porque toda mulher vive de antecipações. Precisamos estar três passos à frente para conseguirmos chegar ao mesmo lugar. Precisamos antecipar todos os riscos inerentes à nossa condição de mulheres. Precisamos antecipar todos os erros para evitá-los, porque para nós todo erro é uma última chance. [...] desejamos ser resistência a tempos obscuros, em que tantos esforços para a igualdade e a promoção da diversidade estão sendo contestados, tantos direitos estão sendo retirados. Em tempos como esses, em que a arte é vista como inimiga e nós mulheres vemos nossos direitos ameaçados, toda voz é uma resistência. Toda mulher é um grito. Cassandra é um grito (REVISTA CASSANDRA, 2021, s. n.).

À justificativa do presente trabalho, evidenciou que o estudo da narrativa feminina contemporânea, *in primo loco*, é um campo pouco explorado dentro

dos estudos literários em língua portuguesa; algo justificado, inclusive, pela própria juventude da própria produção em questão. Ademais, tendo em vista que o terreno dos estudos literários é marcado por disputas ideológicas (DALCASTAGNÈ, 2012), a análise e divulgação da literatura de autoria feminina é relevante para a multiplicação das perspectivas direcionadas à literatura enquanto um campo do saber.

Meu estudo, destarte, voluntaria e conscientemente, adota o viés político da literatura como um dos modos de inserir-se e justificar-se enquanto produto da e para a sociedade. Ou seja: não me dirijo somente para o público acadêmico (embora me valha desse gênero textual e desse registro de linguagem), mas a quem interesse o estudo do presente tema. Também de modo consciente, adianto que a análise aqui estabelecida não possui caráter estético. Dessa forma, não me interessa tecer uma “crítica literária”, mas um estudo, partindo do binômio micro-macro para pensar o texto de Priscila Branco. É dizer: estabelecendo seu lugar enquanto um texto individual que participa de um movimento social coletivo, que marca a produção feminina das últimas décadas. Meus objetivos, destarte, são: 1) apresentar os conceitos norteadores da análise, como trauma e memória; 2) examinar os procedimentos narrativos movimentados pela autora e impressos na materialidade textual e, finalmente, 3) averiguar como a memória é trabalhada no texto, sublinhando seus usos, características e reflexos na ação da protagonista.

A metodologia empregada consiste em uma pesquisa bibliográfica orientada pela análise literária. 2.Desenvolvimento Esta seção está dividida em três partes. Na primeira parte, discuto os conceitos norteadores dessa pesquisa (com ênfase na memória e no trauma na literatura feminina), contextualizando-os e alinhando-os com minha problemática. Em seguida, apresento os recursos técnicos empregados no conto, juntamente com alguns

de seus motes narrativos. Finalmente, discuto o modo como a memória, o trauma e o feminino são elaborados no texto de Branco.

A MEMÓRIA E O TRAUMA NA NARRATIVA FEMININA CONTEMPORÂNEA

De acordo com Souza (2018), a memória sempre se fez presente na literatura. Hesíodo (1996), importante poeta grego, apresenta na Teogonia a figura de Mnemosine, a deidade da memória, mãe das musas. Essa, de acordo com o aedo, seria conhecedora do passado, presente e futuro, podendo, ainda, conceber o dom da memória e do esquecimento. Homero (2015), na Odisseia, propõe também uma outra epítome da memória evocada por Penélope, esposa de Odisseu, que tece a mortalha de seu sogro Laertes de dia e a desfaz de noite. Por meio desse ardil, a mulher se escusava da escolha de um pretendente, dado de que essa havia declarado que somente escolheria um novo rei após concluir a referida peça. Dessa forma, Ramos (2011) propõe uma associação entre Penélope e a própria memória, dado que

[...] seu trabalho só sobrevive porque é desfeito e refeito: como a memória, que, de modo idêntico ao da teia de Penélope, tece enganos – incapaz que é de resgatar o passado e assegurar a preservação da experiência vivida. E o que seria a memória? A veste derradeira de reminiscências, a partir das quais o indivíduo e a coletividade se reinventam? Precária, incompleta e frágil – como a mortalha de Laertes. (RAMOS, 2011, p. 93).

Dessa forma, a memória, incorporada classicamente na figura de Mnemosine, tal como a teia de Penélope, escreve e rasura; conserva e destrói, reelaborando o passado, ressignificando o presente e abrindo brechas para o futuro. E se o fator surpresa é o que prepondera no porvir, existe na tessitura da memória espaço para a fantasia e a ficção (RAMOS, 2011, p. 94).

Semelhante percepção deixa entrever o que, posteriormente, seria trabalhado em Freud (1986), quem chama a atenção para o fato de que a memória não recupera a integralidade dos eventos vivenciados pelo *recordante*. Pelo contrário, diz Schopenhauer (2005) que a realidade nem sequer poderia ser percebida pelo sujeito, cuja relação com o mundo é perpassada pelas representações intelectuais de realidade que o precederam. Isso se torna mais claro

Quando Freud fala de processo de estratificação – maneira pela qual o mecanismo psíquico é formado – entendemos que os arranjos pelos quais os traços mnêmicos estiveram sujeitos não são apagados, na medida em que novos arranjos acontecem, antes, os arranjos são registrados, constituindo assim o processo de estratificação. O reordenamento dos traços mnêmicos e o registro dos rearranjos respondem a própria formação do aparelho psíquico, de forma que o mecanismo psíquico pode ser abordado enquanto efeito dos diversos rearranjos aos quais os traços mnêmicos estiveram sujeitos. Dessa maneira, o aparelho psíquico encontra-se em íntima relação e na dependência dos traços mnêmicos, permitindo-nos afirmar que a memória é pré-condição para a formação do aparato psíquico e não uma propriedade deste (SANTOS, 2008, p. 494).

Recuperando a ideia schopenhaueriana, Lima (2023) chega a afirmar, inclusive, que a realidade exterior ao sujeito, podendo ser real, não é depreensível ou comprovável como tal por aquele que a observa. Dessa forma, somado às perspectivas relacionadas, a memória parece ocupar um lugar de reencenação de uma percepção, estando, portanto, desvinculada desde o primeiro momento do que se chamaria real exterior. Em outras palavras, a última desponta como um simulacro de uma realidade semiotizada, e não como uma recuperação integral dos eventos, que desde sua vivência, emergem como representações individuais do ocorrido. De acordo com Botella e Botella (2022, p. 93),

[o] trauma deve ser compreendido em uma negatividade: uma violenta e brusca ausência das tópicas e das dinâmicas psíquicas, a ruptura da coerência psíquica, o desmoronamento dos processos primários e secundários. É no caráter “negativante”, na perda pelo ego de seus recursos, que compreendemos a qualidade traumática. A desorganização brutal originar-se-ia, acreditamos, não numa percepção, mas na ausência de sentido do violento excesso de excitação e do estado de desamparo do ego, na impossibilidade para o ego de representá-los para si (BOTELLA; BOTELLA, 2002, p.93).

Assim, Moreno e Coelho Junior (2012, p. 60) complementam ainda que o traumatismo

[...] impossibilita a inscrição psíquica, indicando a ordem do não-representado no psiquismo. Ao subverter o registro da memória, é possível afirmar que o traumático se opõe ao processo paulatino de desenvolvimento da realidade e de diferenciação tópica, produzindo fissura e desligamento na trama psíquica. O trauma impossibilita justamente o duplo movimento intrínseco à prova de realidade, realizado pela memória, que pressupõe a negação da percepção do objeto para poder investi-lo na representação (MORENO; COELHO JUNIOR, 2012, p. 60).

Cumprе evidenciar, ainda, que a relação entre memória e trauma parece aproximar-se na medida em que o trauma produz uma ruptura com as estruturas “normais” de processamento da memória, o que produz uma marca profunda, embora, aparentemente, inconsciente. Nas palavras de Medeiros e Fortes (2020, p. 133) “o trauma é definido tanto pelo hiato deixado na cadeia psíquica quanto pelo excesso pulsional, que produzem sequelas na história do sujeito.” O trauma, seria, portanto, e antiteticamente, uma “ausência presente”, uma ruptura, cuja lacuna produz efeitos na relação travada entre sujeito e realidade, algo muito semelhante ao proposto por Freud (1976 [1925]) em sua

analogia do Bloco Mágico, objeto que permite a escrita sobre uma folha de cera, cujas notações em estilete permanecem, a um só tempo, visíveis e invisíveis.

PROCEDIMENTOS NARRATIVOS E ESTRUTURA TEXTUAL

O conto em questão é narrado em primeira pessoa. A narradora-protagonista é uma mulher adulta que recupera uma memória da infância a partir do momento em que penteia seus cabelos para remover seus piolhos. A narração emprega o fluxo de consciência, prescindindo de certos operadores textuais, o que facilita a percepção de que a materialidade textual em questão emerge de uma instância menos estruturada (Inconsciente).

O tempo narrativo é psicológico, intercalando momentos do passado e do presente. Tal segmentação se apresenta já nos dois primeiros parágrafos, em que as memórias afloradas pelo verão e pelos piolhos transportam a narradora para sua infância:

poucas coisas me retornam tanto ao sabor da infância quanto o verão, cujo cheiro invade meu corpo inteiro em reflexos de alegrias e imagens distorcidas, e ir a feiras de rua, pois todas as manhãs durante anos da minha vida era com o cheiro das frutas e do aipim cozido que eu era acordada, organizados por meu pai e minha mãe no quintal de casa. e, agora, uma infestação de piolhos nos meus cabelos (BRANCO, 2021, s. n.).

Mais especificamente, o texto principia no passado (1º §) e parte para o presente (2º §). Logo em seguida, nos 3º, 4º e 5º §, a narradora regressa ao passado:

os piolhos primeiro me levam de volta à escola municipal barão de itararé, em marechal hermes, onde eu corria alegremente pelo gramado e ficava de castigo olhando pra parede por ter falado demais. meu cabelo coçava. mas não podia coçar, porque tinha que ficar estática de frente pra parede azul. lembro de

muitas crianças coçando o cabelo e suando naquele calor infernal sem ar condicionado. aprendi a ler, a escrever, a fazer amigos, a amar os professores, a ler poemas na biblioteca da escola, a entender que não tinha dinheiro pra muita coisa e não ficar tão triste com isso, a fazer meus trabalhos de casa, mesmo os mais chatos, a brincar de ciranda no intervalo, a assistir digimon na hora do lanche da escola naquele refeitório que parecia mais um salão gigantesco e infinito para uma criança de seis anos — tudo isso enquanto metia minhas pequenas mãozinhas na cabeça e coçava até algum adulto me mandar parar. depois, a casa. minha mãe, pacientemente, catando meus piolhos como cato palavras. me jogando alguma substância que não sei nomear mas lembro muito bem do cheiro. docemente, passando o pente fino verde nos meus cabelos gigantes e gastando horas procurando as lêndeas. [...] (BRANCO, 2021).

Ainda dentro do 5º §, há um momento de discurso indireto livre, característico do Fluxo de Consciência: “mãe, pode parar? mãe, já acabou? mãe, quero brincar. calma, garota, tô quase acabando” (BRANCO, 2021, s. n.).

O 6º e o 7º § já ocorrem integralmente no presente, se centrando no ato da narradora-personagem de rememorar o passado reacendido pelo evento presente: assim como lembro da voz de minha mãe e sua expressão de cansaço, o rito de catar piolhos marcou minha infância. e retorna, assim como outras pragas que poderia nomear de amor, morte, luto, frustração e proibição. piolhos são traumáticos até o último suspiro. enquanto penteio os cabelos machucando meu couro cabeludo, minha memória é arranhada. mato piolhos e mato um pouco do choro escondido de uma criança descobrindo o mundo. jogo vinagre na cabeça e limpo também os cantos empoeirados que me habitam. toda cabeça precisa de limpeza e vasculhação. os piolhos picaram meu passado e agora não consigo mais parar de coçar a cabeça, onde formigam imagens muito, muito estranhas (BRANCO, 2021).

Ademais, o texto também não emprega letras maiúsculas, mesmo em início de período posterior ao uso de ponto final, ou em notação de substantivo

próprio, como o que ocorre na primeira linha do 3º parágrafo do texto: “os piolhos primeiro me levam de volta à escola municipal barão de itararé, em marechal hermes” (BRANCO, 2021). Alguns dos principais motes narrativos são: a própria memória e a recuperação dos eventos passados (o que nomeia o conto), a opressão vivida na infância, o afeto materno, o trauma e, ao fim e ao cabo, a própria condição de mulher na sociedade. Trato disso mais profundamente na próxima seção.

O LUGAR DA MEMÓRIA NA NARRATIVA

Sigmund Freud (1996 [1915]), na obra *O Inconsciente*, propõe o que seria, posteriormente, alcunhado como Teoria Topográfica do Aparelho Psíquico. Esse modelo buscava explicar o funcionamento da psiquê a partir da analogia entre essa e um iceberg, no qual a primeira está dividida em três instâncias: Consciente (acima das águas), Pré-Consciente (submerso próximo à superfície) e Inconsciente (profundamente submerso).

Dentro dessa estrutura, determinados conteúdos poderiam “emergir” das instâncias abaixo da consciência, algo manifesto tanto voluntária quanto involuntariamente. Dessa forma

[...] as manifestações neuróticas e o fenômeno da sugestão pós-hipnótica evidenciaram a Freud que as representações inconscientes preservam também sua capacidade de ação na vida psíquica, sendo capazes, inclusive, de influenciar a atividade mental consciente. Haveria, assim, um inconsciente psíquico e, além disso, efetivo (wirklich) [...] (CAROPRESO; SIMANKE, 2008, p. 33).

Com relação à prosa de Priscila Branco (2021), percebemos que o verão e o aroma das feiras de rua são associados à infância e à alegria, ambientando a narrativa em uma esfera envolta em nostalgia. Essas lembranças são

carregadas de afeto, conectando a narradora ao passado e à simplicidade da infância.

A estrutura truncada da prosa, cujo enredo é bastante direto, favorece a percepção de que se trata de uma recordação inconscientemente trazida à tona pela situação apresentada em seguida. Nesse caso, trata-se da nova infestação de piolhos vivida pela protagonista.

A infestação de piolhos, destarte, emerge como um gatilho de memória, transportando a narradora de volta à escola municipal. Mais do que isso, contudo, ocorre a reconstituição e o ressurgimento do passado através dos “gatilhos” do presente. Detalhes como o calor, a falta de ar-condicionado e a sensação de coceira contribuem para a evocação vívida do ambiente escolar, algo que colabora ainda para a percepção de que o ato de lembrar implica *reexperienciar* o vivido, inclusive acrescentando-lhe novas nuances, algo sublinhado pela expressão presente no 6º parágrafo: “piolhos são traumáticos até o último suspiro” (BRANCO, 2021, s. n.).

A narradora relembra ainda diversos aspectos de sua educação na escola, destacando os momentos de aprendizado acadêmico, assim como as restrições e disciplinas impostas a seu eu infantil. A imagem da criança de castigo, olhando para a parede azul, indica a imposição de limites e a internalização de normas opressivas. Ademais, a mãe desempenha um papel central na narrativa, associada ao cuidado e à paciência ao lidar com a infestação de piolhos. O ato de catar piolhos torna-se, então, um ritual, marcando a infância da narradora com a presença materna e a atenção dedicada a seu bem-estar.

A infestação de piolhos é empregada como uma metáfora para experiências emocionais traumáticas, como amor, morte, luto, frustração e proibição. O próprio título do conto, que associa a memória e os piolhos a pragas contribui para essa percepção. A expressão “traumáticos até o último suspiro”, recuperada aqui destaca, também, a persistência dos impactos

emocionais ao longo do tempo, figurando como uma representação do trauma que, agora, emerge a partir de uma situação símile daquela vivida na infância. O ato de limpar os piolhos, vasculhar a cabeça e matar esses parasitas pode ser interpretado como uma metáfora para a necessidade de explorar e limpar os cantos empoeirados da própria mente e memória. Pode-se supor, assim, que a narradora está confrontando não apenas os piolhos físicos, mas também os aspectos desconfortáveis e estranhos de seu passado.

O processo atual de pentear os cabelos, matar piolhos e aplicar vinagre é descrito como arranhando a memória, sugerindo que o presente está interagindo com o passado de uma maneira dolorosa e disruptiva, algo bastante caro à psicanálise tradicional, que, segundo Kotzent (2014, p. 42). busca “tornar consciente o inconsciente”.

Em suma, o conto explora não apenas as lembranças específicas da narradora, mas também os impactos emocionais duradouros dessas experiências na construção de sua identidade. Resta, porém, um último aspecto a ser tratado, e cuja problemática pode ser resumida à indagação: de qual trauma, afinal, trata o conto? Para finalizar, recupero as palavras de Tayza Nogueira Rossini (2016), quem afirma que

Embora os primeiros textos produzidos por mulheres no Brasil se mostrem retraídos no sentido de representar e discutir as relações de gênero, reiterando os padrões dominantes, como demonstra Xavier (1999), com o passar do tempo as produções femininas foram ganhando espaço e voz na literatura e passaram a difundir a forma feminina de pertencer a uma categoria de gênero historicamente subjugada e oprimida. Do mesmo modo que sinalizam atitudes subversivas em relação a esse estado de coisas, as obras de Clarice Lispector funcionaram como um divisor de águas na história da literatura de autoria feminina brasileira, separando as práticas literárias marcadas pela reduplicação das ideologias tradicionais de gênero das práticas subversivas e/ou contestatórias (ROSSINI, 2016, p. 100).

Uma vez constatada a marcação das distintas naturezas estético-literárias escritas pelo público feminino no Brasil, não restam dúvidas de que a narrativa de Branco se alinha à segunda corrente. A narrativa, portanto, ao que aponta a presente análise, trata de um trauma em específico: o de, simplesmente, ser mulher na sociedade. Isso, ao mesmo tempo, propõe que tal experiência opera, também, enquanto uma metonímia de uma vivência compartilhada por todo um grupo social.

CONCLUSÃO

No presente ensaio, busquei analisar o papel da memória no conto *Piolhos*, memória e outras pragas da autora Priscila Branco (2021). Foi possível constatar que a memória é movimentada no texto como um elemento ambivalente, cuja evocação provoca uma revivência do experienciado. Ao mesmo tempo, contudo, a presença da vivência dolorosa imprime uma impressão traumática, cuja expressão é feita mediante sua metaforização (a figura dos piolhos). Teorizo, ainda, que a narrativa opera enquanto uma espécie de metonímia de uma vivência particular a todas as mulheres de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRANCO, Priscila. *Piolhos, memória e outras pragas*. Revista Cassandra. Setembro-2021. Disponível em: *piolhos, memória e outras pragas — Priscila Branco | by cassandra | revistacassandra*. Acesso: 07 jan. 2024.
- BOTELLA, César; BOTELLA, Sara. *Irrepresentável, mais além da representação*. Porto Alegre: Editora Criação Humana, 2002.
- CAROPRESO, Fátima; SIMANKE, Richard Theisen. Uma reconstituição da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 11, p. 31-51, 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

FREUD, Sigmund. Carta 52. In: A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1986. Freud, Sigmund. Uma nota sobre o 'Bloco Mágico'. In:____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Originalmente publicado em 1925[1924]).

FREUD, Sigmund. O inconsciente. In____: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1915c).

KOTZENT, João Paulo. Introdução à Psicanálise– 1ª Tópica. Associação Psicanalítica do vale do Paraíba. São José dos Campos, 2014.

HESÍODO. Teogonia. Niterói: EdUFF, 1996.

HOMERO. Odisseia. São Paulo: Hedra, 2015.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira. MEMÓRIA E LITERATURA: CONTRIBUIÇÕES PARA UM ESTUDO DIALÓGICO. Linguagem em (Re)vista, Ano 06, Nos. 11/12. Niterói, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/11/completo.pdf#page=93>.

Acesso: 09 jan. 2024.

LIMA, Ariel Montes. O SENTIDO E SUA NATUREZA: uma busca por elos e palavras. Revista História em Curso, Belo Horizonte, Dez. 2023 –ISSN: 2178-1044. Disponível em: Vista do O SENTIDO E SUA NATUREZA (pucminas.br).

Acesso: 10 jan. 2024.

MEDEIROS, Clarice; FORTES, Isabel. Trauma e lesão: algumas articulações em psicanálise. Tempo psicanalítico, v. 52, n. 1, p. 133-154, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-48382020000100006&script=sci_arttext. Acesso: 12 jan. 2024.

MORENO, Maria Manuela Assunção; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Trauma: o avesso da memória. *Ágora: Estudos em teoria psicanalítica*, v. 15, p. 47-61, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/agora/a/46GrdGzGrZmXxVTLdWB6Ytj/>. Acesso: 12 jan. 2024.

REVISTA CASSANDRA. Apresentação. 14 abr. 2021. Disponível em: Apresentação. cassandra surgiu da ideia de reunir... | by cassandra | revistacassandra. Acesso: 07 jan. 2024.

ROSSINI, Tayza Nogueira A construção do feminino na literatura: a diferença. *Trem de Letras*, v. 3, n. 1, p. 97-111, 11 jul. 2016.

SANTOS, Lilian Braga dos. Sobre a memória em Freud: uma introdução. *Língua, Literatura e Ensino-ISSN 1981-6871*, v. 3, 2008. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/113>. Acesso: 10 jan. 2024.

SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e como representação. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SOUZA, Ana Paula de. A ESCRITA E A FUNÇÃO SOCIAL DO ROMANCE DE MEMÓRIA CONTEMPORÂNEO: SEFARAD (2001) DE ANTONIO MUÑOZ MOLINA. Tese (Doutorado). Campinas: Unicamp, 2018. Disponível em: Terminal RI - SophiA Biblioteca Web (unicamp.br). Acesso em: 11 de nov. 2023.